

RESENHA | SILVIANO SANTIAGO E A ARTE DA (DES)CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Rodrigo Felipe Veloso*

RESUMO:

A resenha analisa as contribuições de Silviano Santiago, um dos mais relevantes intelectuais brasileiros contemporâneos, ao apresentar em seu mais recente livro intitulado *O grande relógio, a que hora o mundo recomeça* um conjunto de ensaios que combina reflexão filosófica, crítica cultural e uma profunda inquietação com os rumos do mundo contemporâneo. A obra emerge como um diálogo denso e provocador sobre tempo, memória e transformação, explorando o papel da literatura, da história e da subjetividade na construção e reconstrução da experiência humana. O ensaísta discute ainda três pontos importantes do ponto de vista teórico e crítico dos modelos clássicos da literatura comparada que são: a influência, a cópia e a originalidade. A partir de então, Santiago faz um cotejo entre a obra literária de Machado de Assis e a de Marcel Proust, estabelecendo um ponto de discussão entre eles, pois são consideradas representantes do cânone literário e, por isso, a leitura realizada visa a desconstruir, ou a grafar a noção eurocêntrica de valor universal, ou seja, um valor de juízo atribuído à obra literária produzida e disseminada em todos os lugares do Ocidente. Outro ponto abordado trata-se do pastiche, que é analisado diante da produção do corpo autoral de Marcel Proust.

Palavras-chave: Crítica Literária. Silviano Santiago. O grande relógio. Literatura. Pastiche.

* Pós-doutorado em Letras: Estudos Literários pela UFMG; Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF; Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.
E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br

SILVIANO SANTIAGO AND THE ART OF LITERARY DECONSTRUCTION

ABSTRACT

This review analyzes the contributions of Silviano Santiago, one of the most relevant contemporary Brazilian intellectuals, by presenting in his most recent book entitled *The great clock*, at what time the world begins again, a set of essays that combine philosophical reflection, cultural criticism and a deep concern with the direction of the contemporary world. The work emerges as a dense and provocative dialogue about time, memory and transformation, exploring the role of literature, history and subjectivity in the construction and reconstruction of human experience. The essayist also discusses three important points from a theoretical and critical point of view of the classic models of comparative literature, which are: influence, copying and originality. From then on, Santiago makes a comparison between the literary work of Machado de Assis and that of Marcel Proust, establishing a point of discussion between them, as they are considered representatives of the literary canon and, therefore, the reading carried out aims to deconstruct, or to spell out the Eurocentric notion of universal value, that is, a value of judgment attributed to the literary work produced and disseminated everywhere in the West. Another point discussed concerns pastiche is analyzed in light of the production of Marcel Proust's authorial body.

Keywords: Literary Criticism; Silviano Santiago; *The big clock*; Latin American literature; Pastiche.

SILVIANO SANTIAGO Y EL ARTE DE LA DECONSTRUCCIÓN LITERARIA

RESUMEN

La reseña analiza los aportes de Silviano Santiago, uno de los más relevantes intelectuales brasileños contemporáneos, al presentar en su más reciente libro titulado *El gran reloj*, a qué hora el mundo vuelve a empezar, un conjunto de ensayos que combinan reflexión filosófica, crítica cultural y una profunda preocupación por la dirección del mundo contemporáneo. La obra surge como un diálogo denso y provocativo sobre el tiempo, la memoria y la transformación, explorando el papel de la literatura, la historia y la subjetividad en la construcción y reconstrucción de la experiencia humana. El ensayista también analiza tres puntos importantes desde el punto de vista teórico y crítico de los modelos clásicos de la literatura comparada, que son: influencia, copia y originalidad. A partir de entonces, Santiago hace una comparación entre la obra literaria de Machado de Assis y la de Marcel Proust, estableciendo un punto de discusión entre ambos, pues son considerados representantes del canon literario y, por tanto, la lectura realizada apunta a deconstruir, o para explicar la noción eurocéntrica de valor universal, es decir, un valor de juicio atribuido a la obra literaria producida y difundida en todo Occidente. Otro punto discutido se refiere al pastiche a la luz de la producción del cuerpo autoral de Marcel Proust.

Palabras claves: Crítica literaria; Silviano Santiago; *El gran reloj*; Literatura latinoamericana; Pastiche.

Silviano Santiago, um dos mais relevantes intelectuais brasileiros contemporâneos, apresenta em *O grande relógio, a que hora o mundo recomeça* um conjunto de ensaios que combina reflexão filosófica, crítica cultural e uma profunda inquietação com os rumos do mundo contemporâneo. A obra emerge como um diálogo denso e provocador sobre tempo, memória e transformação, explorando o papel da literatura, da história e da subjetividade na construção e reconstrução da experiência humana.

O ensaísta evoca o relógio como símbolo da modernidade e da sua ruptura: um artefato que ordena o caos e, ao mesmo tempo, marca o inexorável passar do tempo. Contudo, ele subverte esse paradigma ao indagar “a que hora o mundo recomeça”, convidando o leitor a refletir sobre o caráter cíclico, imprevisível e disruptivo da vida, da história e da obra literária. “Desde as grandes viagens marítimas modernas, a Europa vem *ocidentalizando* (já é aceito como falso o verbo *descobrir*) à força o Novo Mundo e o restante do planeta” (Santiago, 2024, p. 13). E continua mencionando que “na obra do oitocentista Machado de Assis, já há excelentes exemplos de resistência, ou seja, de movimentos vitoriosos a contrapelo” (Santiago, 2024, p. 13).

Santiago ressalta que irá abordar em seu livro três pontos importantes no que tange à avaliação do ponto de vista teórico e crítico dos modelos clássicos da literatura comparada que são: a influência, a cópia e a originalidade. A partir de então, Santiago faz um cotejo entre a obra literária de Machado de Assis e a de Marcel Proust, estabelecendo um ponto de discussão entre eles, pois são consideradas representantes do cânone literário e, por isso, a leitura realizada visa a desconstruir, ou a grafar a noção eurocêntrica de valor universal, ou seja, um valor de juízo atribuído à obra literária produzida e disseminada em todos os lugares do Ocidente.

Um ponto importante da livro em questão é a reflexão sobre o papel da literatura e da arte no enfrentamento das crises modernas. O ensaísta argumenta que a literatura possui a capacidade única de transcender os limites temporais e espaciais, funcionando como uma espécie de “grande relógio” que marca as permanências e rupturas da história. Nesse trajeto investigativo, Santiago discute que a condição colonizadora do Novo Mundo coloca-se tendo a responsabilidade de “ocidentalizar culturalmente o planeta”, a literatura europeia é inicialmente responsável pela influência impositiva na constituição de muitas outras literaturas ditas periféricas. Elas se mostram essencialmente como cópia, especialmente pela forma que a literatura é concedida sendo componente da metrópole.

Essa forma das obras literárias confeccionadas fora do centro do Ocidente que só se mantém com o surgimento do material novo. A originalidade completa da narrativa literária é atribuição inerente à literatura hegemônica (dos grandes centros).

Ao discutir autores como Proust e Machado, Santiago explora como a linguagem literária é capaz de capturar o efêmero, o não-dito e o inapreensível. Ele também analisa a responsabilidade ética da arte em tempos de crise, destacando seu papel como resistência e possibilidade de recomeço. “Própria e imprópria, sua experiência de vida é singular e é plural, é nacional e é eurocêntrica, e ainda é desconstrutora do centramento lusitano e é planetária” (Santiago, 2024, p. 32).

Outro aspecto marcante dos ensaios é a maneira como Santiago entrelaça a macro-história, eventos políticos, sociais e culturais, com a micro-história das subjetividades. A obra explora como grandes narrativas históricas afetam as experiências individuais, mas também como as pequenas histórias humanas podem resistir às imposições do tempo cronológico.

Em um momento de profunda reflexão sobre a literatura francesa e a do romancista carioca, Santiago menciona que

Machado de Assis e Marcel Proust *decidem* que devem assinar um contrato retórico, e previamente o assinam, em que devem atestar ser o *Eu* do narrador/protagonista a pessoa ficcional responsável pela narrativa. No entanto, a atenção do nosso leitor não será direcionada à última decisão deles, mas ao que nela comporta de *transgressão* ao contrato assinado. Ou seja, em cima de um antigo contrato é assinado um diferente e contraditório contrato. O jogo analítico aqui desenvolvido se fundamenta no detalhe que cintila em virtude de rescisão contratual (Santiago, 2024, p. 33-34, grifos do autor).

Nesse sentido, os novos projetos literários de Proust e de Machado se realizam mediante distinção interna a uma obra em produção, por exemplo, o segundo capítulo do primeiro tomo repele e opõe ao objeto inicial da *Recherche* feita por Proust e a corrompe. Do contraste externo tem-se as lembranças machadianas no romance *Dom Casmurro* em que se repele o discurso da narrativa burguesa europeia percebida sendo a fonte principal, dominante. Nos dois romances há um distanciamento do estilo para reverenciar o tema central das narrativas, o ciúme e, além disso, essa ação de dúvida, desconfiança do outro é naturalmente masculina e patriarcal.

Com efeito, em Proust, tal fato acontece, inicialmente, de maneira retrospectiva e recorda a modalidade do voltar ao passado (*flashback*) presente nos filmes. A origem desse sistema concentra no narrador Charles Swann, por exemplo. Por outro lado, em Machado acontece de modo prospectiva e resgata a função da escrita política, engajada e visionária. Como exemplo, Bento é um homem letrado e polido. Sendo assim, Santiago pontua que “o ciúme tende a ser conivente com a sensibilidade homoerótica em Proust. Em Machado, tende a ser crítico ao patriarcalismo dominante na sociedade monárquico-escravocrata brasileira [...]” (Santiago, 2024, p. 35).

O estilo ensaístico de Santiago, que mistura erudição com subjetividade, cria um espaço de interlocução direta com o leitor, que é constantemente convocado a pensar junto com o autor, a revisar conceitos e a questionar certezas. “O leitor deste ensaio é convidado a refletir sobre a existência de uma *linha de demarcação* entre o que é claro e bem visível e o que é obscuro e impenetrável, [...]” (Santiago, 2024, p. 25, grifos do autor).

O grande relógio, a que hora o mundo recomeça é uma obra que desafia o leitor a olhar para o tempo e para a história de maneira renovada, questionando as narrativas lineares e hegemônicas que dominam nossa percepção do mundo. Santiago propõe um ensaio crítico e sensível, que conecta passado, presente e futuro de forma a iluminar os desafios e as possibilidades do recomeço. “Recebida a emancipação de mãos beijadas, compete à literatura manter acesa a chama da soberania nacional” (Santiago, 2024, p. 47).

Ao contrastar Machado e Proust encontra-se no caso do primeiro escritor um processo criativo que se

torna latente as indagações artísticas e as gralhas vocacionais pertencentes a uma escrita literária que, por sinal, é de “segunda mão”, permanecendo, contudo, como cópia e ainda não está preparada para lutar por sua soberania. “Dom Casmurro é um romance tardio na obra de Machado. No ano de sua publicação, o Brasil se tornara republicano e estava para completar vinte anos a primeira obra-prima do romancista, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*” (Santiago, 2024, p. 47).

Santiago afirma que: “o leitor de Machado de Assis, é preciso em primeiro lugar que a literatura seja” (Santiago, 2024, p. 86). Importante argumentação, porque a obra literária ou “o novo animal” cria um novo leitor. E, nesse sentido, “o seu codinome, beija-flor. Machado não busca um ‘juízo’ sobre seu livro (sobre os fatos por ele narrados) que se sustentaria numa das duas colunas máximas da opinião” (Santiago, 2024, p. 86), pelo contrário, o romancista carioca “faz o elogio da avassaladora singularidade democrática de um romance desconstrutor num país de escravos e súditos” (Santiago, 2024, p. 87).

Machado de Assis, segundo Santiago, é inesgotável, visto que em sua prosa literária do século XIX, inventa “subterfúgios”, com o intuito da caracterização dos seres humanos, ou seja, cria subterfúgios de teor cultural, histórico e político e, sobretudo, que destinam a retirar a “construção” da (sempre adiada) soberania nacional de violenta referência. Isso acontece não somente pela colonização europeia, percebida sendo à “força formativa (*Bildung*) do cidadão periférico”, mas também na tentativa de equivalência de uma identidade vinculada ao Ocidente e por ela essencialmente centrada no limite do devir.

Dentro dessa perspectiva, Santiago abre frente de análise sobre outro viés que se deve ao Pastiche, pois, o nomeia em certo período como “novidade” que visa estabelecer um “diálogo do criador” com as mais consagradas manifestações da tradição que se conflagra sobre ele, inicialmente, como “constrangimento formal” e secundariamente, sendo autodescoberta e narrativa do próprio corpo autoral, reforçando o caráter inovador na literatura.

Para tanto, o ensaísta cita que a primeira configuração de pastiche encontra-se em *Pastichos e miscelânea*, de Marcel Proust. Como exemplo pela necessidade do corpo autoral, no caso, Proust, leva-se em consideração o ajuste de estilo literário em decorrência de outros corpos autorais como Balzac, Flaubert, Saint-Simon e outros. “O estilo autoral ‘de’ Proust sai dos estilos autorais outros e anteriores para chegar a ser, em futuro indeterminado, o dele” (Santiago, 2024, p. 42).

Alguns pontos, em linhas gerais, são descritos com relação ao corpo autoral de Proust como sua novidade autoral que centra-se nos novos sentimentos na “reserva” dos textos pastichados. A pastiche de Proust não representa parcimônia com o espírito do escritor pastichado, no entanto, vincula-se, especialmente, com seu período histórico, na “linguagem de seu tempo”. Logo, no pastiche proustiano o assunto é algo secundário e, ao mesmo tempo, único, pois é temática que procura sua própria escrita corporal que está em “reserva” nos diversos estilos de persuasão de que se acentua as subjetividades autorais francesas descritas por Proust em *Pastichos e miscelânea*.

Por fim, em *O grande relógio, a que hora o mundo recomeça*, Silviano Santiago constrói uma reflexão densa e plural sobre o tempo, a memória e os desafios da contemporaneidade. A obra se destaca pela

interseção entre crítica literária, ensaio filosófico e testemunho pessoal, revelando um olhar arguto sobre a história e a cultura. Ao abordar o papel do intelectual e do escritor, no caso em particular, de Marcel Proust e de Machado de Assis, em tempos de crise no que tange às mudanças de paradigmas diante do clássico literário, isto é, do lugar que os escritores ocupa refletindo os conceitos de fonte, influência e originalidade, predomínio eurocêntrico *versus* literatura de “segunda mão”, periférica, o que visa uma desconstrução do discurso criador.

Portanto, Santiago propõe um diálogo instigante entre o passado e o presente, questionando as possibilidades de reconstrução e reinvenção da humanidade. Assim, o livro não apenas amplia o repertório crítico do leitor, mas também provoca uma profunda autodescoberta sobre o destino coletivo e o papel da literatura na compreensão e reinvenção do mundo, pois esta se mostra como escritivências, quer dizer, escrever e viver as memórias de transformação da experiência individual e coletiva no espaço literário e suas reverberações para além-norma, além-julgamento, além-vida.

REFERÊNCIAS

SANTIAGO, Silvano. **O grande relógio, a que hora o mundo recomeça**. São Paulo: Noz, 2024.